

Sabia que ...

... a expedição científica ao banco de Gorringe revelou riquezas e sinais preocupantes?

A expedição científica que durante três semanas fez um levantamento da biodiversidade da maior montanha submarina de Portugal encerrou com a celebração da riqueza biológica encontrada e com um alerta para a urgência de proteção efetiva perante sinais preocupantes.

Os cerca de 30 cientistas de 14 centros de investigação que trabalharam na expedição, a maioria a bordo do antigo navio bacalhoeiro Santa Maria Manuela, para estudar o banco de Gorringe registaram pelo menos 200 espécies, das quais mais de 40 não tinham sido ainda encontradas nesta área, observaram 12 espécies de aves marinhas, pelo menos sete espécies de cetáceos, 55 espécies de algas, 12 espécies de corais, 36 espécies de peixes e 523 tipos de invertebrados.



@Facebook Santa Maria Manuela

Uma das joias da coroa das descobertas é uma concentração de grande número de raias elétricas, denominadas tremelgas, todas fêmeas e muitas delas grávidas, sugerindo, segundo informação divulgada pela Fundação Oceano Azul - que promoveu a expedição em conjunto com o Oceanário de Lisboa, o Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) e Marinha Portuguesa -, que o banco de Gorringe pode ter um papel essencial para a reprodução e sobrevivência desta espécie.

Os cientistas destacaram também a presença do golfinho-roaz e da tartaruga-comum, que são espécies ameaçadas, e de outros mamíferos marinhos como o golfinho pintado, e a observação de três espécies de baleias-de-bico, raras e muito difíceis de estudar.

Mas a fonte de preocupação dos investigadores e a razão para o lançamento do alerta para a urgência de medidas de proteção foi a notória ausência de grandes predadores, como tubarões, e de espécies com interesse comercial, sugerindo que a pesca já está a ter impacto significativo numa zona que de outro modo é ainda um oásis oceânico de biodiversidade.

Em muitas dezenas de lançamentos à água de sistemas de câmaras de vídeo com isco para atrair fauna marinha, nas imagens captadas surgiram apenas dois tubarões azuis, apesar de a riqueza da fauna da montanha submarina justificar a existência de mais predadores do topo da cadeia alimentar.

“Agora é o momento da decisão política, que os processos científicos como este podem apoiar”, disse na sessão de encerramento o coordenador da expedição, Emanuel Gonçalves, ao fazer um apelo para que o governo avance com medidas concretas de proteção total e gestão efetiva do banco de Gorringe.



A expedição pretendeu ser um esforço para impulsionar o caminho de Portugal no cumprimento da estratégia europeia de conseguir que até 2030 pelo menos 30% do oceano seja protegido, com pelo menos 10% com proteção estrita.

José Soares dos Santos, presidente do conselho de administração e do conselho de curadores da Fundação Oceano Azul, reforçou o apelo para a urgência de proteger os valores naturais do país e do planeta afirmando que “temos o conhecimento e sabemos o que temos de fazer”.

Os dados recolhidos pela expedição foram obtidos com 211 mergulhos em 24 pontos da montanha submarina, com imagens vídeo subaquáticas recolhidas por sistemas automáticos em mais de 70 locais de observação, com 26 imersões de um veículo submarino operado remotamente (ROV) que percorreu 12 quilómetros entre os 40 e os 154 metros de profundidade e registou 26 horas de vídeo, com 28 percursos para avistamento de aves e mamíferos marinhos e com 40 horas de registos acústicos.

Além do Santa Maria Manuela, a expedição contou com os catamarãs ‘Feel Good’ e ‘Oceanus II’, que serviram de base às equipas de investigadores dedicados aos mamíferos e aves marinhos e à operação do ROV.

O banco de Gorringe tem dois picos principais, os montes submarinos Gettysburg e Ormonde, que apesar de submersos, ao elevarem-se desde profundidades de cerca de 5.000 metros são mais altos do que as montanhas do Pico (Açores) e Serra da Estrela juntas e são as montanhas mais altas da Europa ocidental. São ecossistemas de elevada biodiversidade, com habitats que vão desde florestas de algas perto da superfície até recifes de coral de água fria a grandes profundidades.

Adaptação da publicação:

https://greensavers.sapo.pt/expedicao-cientifica-a-montanha-submarina-revelou-riquezas-e-sinais-preocupantes/?utm_source=SAPO_HP&utm_medium=web&utm_campaign=destaques